

**INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DO LAZER. HELOISA TURINI BRUHNS (ORG.)**

Gonçalo Cassins Moreira do Carmo\*

O livro *Introdução aos Estudos do Lazer* trata o tema de forma multidisciplinar, visto sob vários ângulos, mas por ser uma compilação de textos independentes está sujeito, naturalmente, a algumas limitações. Pretendemos, aqui, fazer uma abordagem resumida sobre a forma como os autores consideram o fenômeno lazer, a fim de inteirar o leitor sobre o assunto e permitir algumas aproximações entre diferentes enfoques.

**O LÚDICO NA VIDA COTIDIANA**

O primeiro capítulo desta obra, desenvolvido pelo Prof. Dr. Paulo de Salles Oliveira, centraliza-se na interpretação em torno de brinquedos, jogos e brincadeiras enquanto práticas do universo lúdico e suas relações com a vida cotidiana. Para tanto, o autor constrói seu raciocínio baseado principalmente em autores como: Lefebvre, Weil, Marx, Huizinga, Bosi, entre outros.

A princípio, o autor parte de alguns apontamentos feitos por Lefebvre, que assinala a possibilidade de interpretar criticamente a vida cotidiana, tomando por base não a vida economicamente produtiva, e sim o universo onde vicejam as práticas lúdicas. Para este autor, é no interior das práticas de lazer e por meio delas que os homens, conscientemente ou não, realizam – na extensão de suas possibilidades – a crítica de sua vida cotidiana. Não querendo com isso dizer que todo o lazer seja necessariamente questionador, mas que os homens almejam nos lazeres algo que dificilmente o trabalho ou mesmo a vida privada, em família, podem oferecer da forma como estão organizadas na sociedade capitalista.

Oliveira compreende o lazer como ruptura, conforme propôs Lefebvre, demonstrando a necessidade de realizar algumas mediações. Uma delas sinaliza para a absorção, pela sociedade contemporânea, da percepção linear do tempo. O tempo linear é instaurador da fragmentação, do controle, da disciplina produtiva. Sendo, portanto, no interior deste tempo que se insere a noção da vida cotidiana, pois só uma delimitação de uma unidade de tempo poderia supor o tempo de lazer como ruptura em relação ao tempo dos trabalhos. Existindo assim uma relação dialética entre lazer e cotidianidade.

Neste sentido, o lazer compreendido como ruptura responderia às necessidades sociais específicas,

---

\* Colaborou para a elaboração dessa resenha o Prof. Luiz Alberto Pilatti.

estando qualificado a trazer respostas à fadiga, às tensões, às inquietações inerentes à vida cotidiana. E mesmo sendo interpretado desta forma, nem sempre traduziria efetivamente uma ruptura.

Na sociedade capitalista predomina um cenário no qual o trabalhador vive o trabalho enquanto opressão e estranhamento, só se sentindo à vontade em seu tempo de folga, tendo consciência de que não trabalha direta ou indiretamente para si. Portanto, na impossibilidade de alterar imediatamente este quadro por completo, busca algum tipo de ruptura, ainda que compensatória.

A crítica da vida cotidiana teria como ponto de partida o questionamento da alienação e das fragmentações que ela produz. Sendo o lúdico o outro, no interior de um movimento contraditório que se trava na vida cotidiana. O autor apoia-se no raciocínio de Weil, que sinaliza que a sociedade suprime o tempo e a vida da criança e do idoso, como se simplesmente o presente não existisse para elas: a criança vai ser, o velho já foi. A construção lúdica da vida (as brincadeiras, os brinquedos, os cantos, as relações com animais e natureza e inúmeras outras práticas), pode reafirmar-se como outra e, além disso, incorporar e promover sujeitos sociais, relegados nas representações e práticas dominantes. E cita a contribuição de Head, que propõe o exercício de uma sabedoria alicerçada na união entre fazer e liberdade, para reorganizar métodos de trabalho no mundo robotizado de hoje.

Segundo Oliveira, torna-se necessário recompor aquilo que está se perdendo em uma sociedade fragmentada, “a oportunidade de redescobrir viva dentro de nós a seiva que nos liga a raízes comunitárias de uma vida em comum, na qual os outros homens são iguais em direitos e, ao mesmo tempo, diferentes no jeito de ser”.

### **RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E O LAZER**

O segundo capítulo desta obra, desenvolvido pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Heloisa Turini Bruhns, centraliza-se em abordar o lazer na sociedade brasileira, buscando sua relação com elementos trabalhados na educação física, e sua relação cultural com estes elementos. Desta forma, constrói seu raciocínio baseada nas idéias de Marcellino, Camargo, Arantes, Caillois, Read, Duarte Jr, entre outros.

Bruhns compreende o lazer como expressão da cultura, podendo constituir-se num elemento de conformismo ou resistência à ordem social estabelecida. Inicialmente, apoia-se no raciocínio de Marcellino, demonstrando que o lazer, enquanto tempo liberado das obrigações sociais, pode se constituir num espaço de emergência de valores e concepções, permitindo a “sobrevivência de valores humanos no

homem”, indicando que mais do que a presença do lazer, encontramos a presença de um anti-lazer, expresso por atividades de baixa autonomia pessoal, e grandes preocupações com o fator tempo e pressões externas.

De acordo com a autora, podem-se constatar duas grandes linhas de pensamento em relação ao fenômeno lazer ; uma o considerando como atitude de vida e outra considerando-o como “tempo livre” das obrigações profissionais, afazeres domésticos etc. Encontramos também teorias que não concebem o lazer como necessidade humana, não sendo prioritário para camadas pobres da população sob argumento destas não terem supridas suas necessidades básicas (saúde, educação, habitação). Temos, por outro lado, uma vertente teórica justificando muito antes da preocupação com o lazer, prioridades que concentram recursos em áreas básicas, as quais possibilitarão impulsos em outras áreas, conduzindo ao crescimento econômico.

De acordo com Bruhns, tem-se observado em relação ao lazer uma visão funcionalista, posicionando o homem em função do sistema vigente, buscando uma manutenção da ordem social presente, sendo considerado como tempo de recuperação da força de trabalho. Neste sentido, tanto tempo de trabalho como tempo de não-trabalho estariam atendendo às necessidades do sistema. Para a autora, a aparente existência de uma dicotomia entre lazer e trabalho está relacionada a tempos marcados e controlados por vários instrumentos (relógio, calendários e outros) estabelecendo espaços específicos para cada atividade.

Caminhando neste raciocínio, a autora utiliza-se da importante contribuição de Read, apontando que a oposição radical entre trabalho e lazer poderá conduzir o segundo a uma compensação do primeiro, e o primeiro como algo detestável, pois desprovido de possibilidades criativas. É necessário, portanto, compreender a interação existente entre os dois.

Para o entendimento desta questão, a autora indica a necessidade de compreensão do processo histórico da industrialização, onde numa sociedade pré-industrial trabalho e lazer configuravam-se num mesmo espaço. Com a passagem para uma sociedade industrial, os tempos são nitidamente controlados para o trabalho, requerendo um ritmo externo ao qual houve uma adaptação. Instalando-se a institucionalização do lazer.

Demonstra que o acesso e as possibilidades do lazer estão relacionados às condições de vida

(socioeconômicas, nível de instrução, faixa etária, sexo), estando implícita neste quadro a questão de uma

política cultural democratizadora diante do fenômeno lazer, conduzindo a discussão sobre a democratização do espaço, pois atividades no tempo disponível exigem espaço disponível, sendo este o espaço urbano.

Bruhns lança algumas indagações direcionadas à educação física, referindo-se às diferentes formas com que esta vem sendo desenvolvida dentro da educação formal e nas opções de lazer. Neste sentido, a autora utiliza-se das colocações de Ludtke sobre o sistema de competição de alto nível não constituir um modelo ideal para a média do cidadão esportivo como participante, em potencial, do esporte de lazer ativo. Prossegue demonstrando como o modelo dos elementos que compõe a educação física enquanto recreação (ou atividades de lazer) deveria pressupor o predomínio do motivo lúdico.

A autora aponta que nesta polêmica emerge a questão da diferenciação entre jogo e esporte, onde o fator tempo entra como determinante, pois o fator lúdico é obscurecido quando cada minuto é considerado. Indica a necessidade de se estabelecer uma outra relação com o conhecimento, pois apesar da educação veiculada no lazer aproximar-se da não formal, não significa a ausência de outras formas, as quais devem articular-se entre si de modo a não ocorrer um distanciamento da realidade, notando-se desta forma uma vinculação bastante estreita entre educação e cultura. Nos dizeres de Duarte Jr, “quando a educação se fundamenta na realidade existencial dos educandos, a aprendizagem significativa tem maior possibilidade de ocorrência”.

### **CONSIDERAÇÕES PARA A HISTÓRIA DO LAZER NO BRASIL**

O terceiro capítulo desta obra, desenvolvido pelo Prof. Dr. Ademir Gebara, vem demonstrar como do brinquedo, do jogo, ao lazer moderno, um longo processo ocorreu e para melhor entendê-lo torna-se necessário compreender as formas pelas quais os homens viveram seus múltiplos tempos.

O autor baseia-se nas idéias de Huizinga, Dumazedier, Marx, Thompson, Weber, Rojek, Le Goff, Pronovost, entre outros. Em princípio, constrói seu raciocínio baseado na premissa de que as antigas civilizações não tinham um nome para o lazer (no sentido que o entendemos hoje), afirmando que o jogo e o brinquedo são tão ou mais antigos que o homem, apoiado pela afirmativa de Huizinga: “O jogo é um fato mais antigo que a cultura”.

Caminhando neste sentido, refere-se a Pronovost, que aponta a existência de duas grandes vertentes que explicam a gênese e a formação do lazer moderno. A primeira, consiste em buscar no passado fatores

históricos, sociais, econômicos, entre outros que produziram, de alguma maneira, o lazer nas diferentes sociedades. A segunda, busca verificar o momento histórico, particularmente no ocidente, em que se manifestou uma concepção ideológica com relação ao lazer. Este fenômeno se articula em três movimentos históricos:

- a ideologia do lazer racional na Inglaterra a partir do século passado;
- ao pensamento social americano do início deste século;
- as concepções do movimento trabalhista (tendo em vista a redução da jornada de trabalho ocorrida entre o final do século passado e meados deste).

Desta forma, para melhor compreendermos o lazer moderno, torna-se necessário perceber as formas pelas quais os homens viveram seus múltiplos tempos, em especial o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho. Segundo o autor, o tempo é a dimensão fundamental que articula nossos sistemas físicos, sociais e biológicos. O desenvolvimento do capitalismo implicou um processo de generalização do controle, regularidade e universalização da medição do tempo: “a existência do tempo de trabalho implica a existência de um tempo de não-trabalho que, por não se ter inserido no universo produtivo no mesmo momento histórico no qual o tempo de trabalho foi “disciplinarizado” foi freqüentemente pensado enquanto tempo ocioso, como uma contra partida à racionalidade do sistema econômico”.

Como ponto de partida, o autor refere-se à conhecida linha de argumentação presente nos textos mais divulgados de Marx, tratando da instauração do processo de disciplinarização do ritmo de trabalho, marcado a partir de então pelo ritmo da máquina. Refere-se também a algumas passagens dos “Grundrisse” relacionadas à construção dos conceitos de tempo livre e tempo disponível, ausentes no texto de *O Capital*. Nestes escritos se encontram importantes indicações para a análise histórica da atividade motora do homem em suas relações com o tempo de trabalho e o de não-trabalho.

Para uma melhor compreensão de uma atividade motora e tempo, o autor parte do que Thompson denominou de “tempo natural”. No período histórico precedente ao processo de industrialização, o ritmo de trabalho era dado pelo ritmo do homem, no comando de ferramentas e instrumentos de trabalho, estes movimentados como extensão dos membros humanos. Com a introdução da máquina, a ferramenta é acoplada a um mecanismo autônomo em relação ao organismo humano. É o ritmo da máquina fator determinante do ritmo geral do processo de produção e, nesta medida, determina o ritmo do homem. O movimento fabril coloca-se como elemento fundamental para a compreensão de uma nova concepção do movimento humano.

Neste sentido, o autor indica a importante contribuição de *O Capital*, onde Marx trabalhou o processo pelo o qual a existência de máquinas automáticas colocou o trabalhador manual no mesmo nível das ferramentas, ficando claro no processo de produção que o esforço físico humano tendia crescentemente a reduzir-se. E nos “Grundrisse”, Marx argumenta que, junto com a criação de tempo de trabalho necessário, apareceu o tempo social disponível, com a criação do tempo de não-trabalho, que para alguns torna-se tempo livre.

Portanto, de acordo com o autor, ao falarmos de tempo disponível, estamos nos referindo ao tempo socialmente construído em virtude do desenvolvimento das forças produtivas e, com isto, com a geração e o acúmulo de riqueza. Tempo livre seria o pressuposto de uma economia mercantil, tempo que se defrontaria no mercado com o dinheiro, tornando-se, como trabalho livre, uma categoria jurídico-política não mais contida por barreiras sociais e culturais, inibidoras de sua livre comercialização.

Seria possível admitir, segundo o autor, preliminarmente que a marcação do tempo, seu controle, sua evidência presente, determinaram um momento bastante significativo na história dos esportes, tanto quanto na história do lazer. Com o advento da Revolução Industrial, o relógio torna-se uma máquina fundamental, permitindo universalizar o controle do tempo útil.

O autor indica que estando as relações sociais e o trabalho interligados, não existindo grande distinção entre o trabalho e a vida, o trabalho começa a tornar-se mercadoria, esta relação entre tempo e produtividade faz que, ao invés de passar o tempo, o ser humano passe a gastá-lo / consumi-lo.

Em contraponto à disciplina do tempo e à conexão entre tempo e dinheiro, Rojek argumenta que nas sociedades tradicionais já existia a disciplina do trabalho e que a conexão entre tempo e dinheiro era muito bem compreendida nas sociedades pré-industriais. Finalmente, alerta para o equívoco de se pensar a industrialização como uma ruptura total com o passado.

Porém, em relação ao controle da ação motriz do homem, não existe objeção visível e antagônica. Gebara aponta para a existência de um outro tempo, o macro-tempo, dimensionado pelo calendário que, segundo Le Goff, tem a função de ritmar a dialética trabalho x tempo livre, sendo o resultado complexo de um diálogo entre a natureza e o homem. Para o autor, o tempo do calendário é totalmente social, é prioritariamente uma conquista social, no sentido em que dirige, orienta e organiza os múltiplos

componentes da vida pública e do cotidiano, tornando-se emblema do poder.

Já é possível, a partir do percurso desenvolvido até aqui, estabelecer algumas conexões entre o tempo, o esporte e o lazer.

As atividades lúdicas que se estabelecem na antigüidade, eram todas dimensionadas pelo ritmo natural. A dimensão assumida pela ação motriz humana, nestas atividades, tem no ritmo corporal sua amplitude. O processo de construção de habilidade motriz específica definia-se no âmbito da capacidade muscular humana. Com as novas relações sociais e uma nova sociedade alteram significativamente as máquinas e a medição do tempo. A máquina e o relógio transformam o universo das ações motoras, os homens não mais definem seu potencial e habilidade muscular. Esta torna-se a chave para a compreensão do esporte moderno. O tempo cronométrico torna-se para o esporte fator fundamental no controle da performance, definindo uma concepção de tempo similar ou igual ao tempo de produção.

O autor indica que o esporte moderno é um componente do sistema produtivo que antecipa processos de disciplina, eficiência e controle de produtividade; de tal maneira este processo se sofisticava que ele é consumido em forma de espetáculo de lazer. Complementa que, para concluir essas reflexões no sentido de perceber as dimensões do tempo enquanto referência para pensarmos as ações motrizes, falta retomar a dimensão social do tempo: o tempo disponível, a partir do qual propõe pensar o esporte, e todas as suas possibilidades de espetáculo, como um componente estrutural na lógica do mercado.

Para compreender como se deu o processo introdutório do lazer no Brasil, o autor nos remete ao Brasil do século XIX onde o lazer sofreu um rígido controle, tanto o tempo de lazer dos escravos (mão-de-obra), como de pessoas livres. De um lado, tendo as proibições domésticas de dança, batuques ou jogos, visando impedir que os escravos perdessem a concentração no trabalho. Para estes casos eram previstos multas e até prisões de pessoas que permitissem ou induzissem os escravos a alguma atividade que os distraíssem do trabalho. E, por outro lado, os executores das leis eram os proprietários das casas, nessa medida, a não aplicação dessas leis acarretavam na penalização do proprietário. Estas atitudes tinham por finalidade o controle do contato entre escravos e, por extensão a população livre, passando pelo controle da mobilidade do escravo, garantindo a produtividade no dia seguinte, além de conter a população em seu devido lugar. Esta era a razão pela qual o controle do lazer estava intimamente ligado ao controle do trabalho.

### **ASPECTOS PSICOLÓGICOS DO LAZER**

O quarto capítulo desta obra, desenvolvido pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> J. Barbara Iwanowicz, busca compreender o

homem que atua sobre si mesmo e a realidade, que é capaz de planejar seu futuro e realizar as suas metas dentro da realidade independente dele. Para tanto, baseia-se nas idéias de Tomaszewski, Skinner, Tolman, Roykiewicz, entre outros.

Segundo a autora, a ciência calcada nos interesses sociais deu maior importância ao nosso desequilíbrio, conflitos, raivas, estresses e neuroses, sugerindo com isto que a existência humana progride somente através da luta, do confronto com problemas criados etc. Os momentos de contentamento, de paz interna, ainda não mereceram a atenção dos cientistas, e seu significado para a compreensão científica do ser humano ainda é desconhecida.

Para ela, os momentos da vida, socialmente estabelecidos, onde este ser possa aparecer, sem ferir as normas sociais, e se descobrir na alegria, felicidade, paz e no amor pela vida tanto através do divertimento como através da contemplação, são os momentos de lazer ou de tempo livre, compreendendo-o como a possibilidade de livre escolha de tudo aquilo que a pessoa queira fazer. As escolhas individuais nunca têm o caráter isolado de seu meio; ao contrário elas acontecem dentro de uma situação de significados específicos sociais e individuais, num determinado espaço de tempo. O ser humano vive em três dimensões de tempo: no presente, no passado e no futuro.

Caminhando em seu raciocínio, demonstra que na nossa prática diária, o espaço socialmente previsto para o desenvolvimento e a realização de escolha e responsabilidades pessoais está aumentando, especificamente nas relações de trabalho. Neste sentido, o tempo livre ou lazer, representa a importância que a sociedade dá ao desenvolvimento pleno da pessoa, principalmente às suas relações de responsabilidade social, individual e aos resultados produzidos. Embora, na maioria das vezes, a integração de lazer na vida das pessoas não tenha este caráter.

De acordo com a autora, a sociedade capitalista determina o que deve ou não ser pesquisado, tornando mais clara a controvérsia entre a concepção da ciência a serviço do homem e a realidade existente. Os três maiores problemas que a sociedade está enfrentando são: a perda de moral, de responsabilidade e de humanidade. As rápidas mudanças tecnológicas, a necessidade de vender cada vez mais e mais barato transformaram as relações humanas numa corrida de inovações e consumo de um lado e de abandono social de outro.

Com a entrada de novos valores nas relações de trabalho modificam-se também os do lazer, tornando-os mais uma ferramenta para equilibrar o organismo humano em função do resultado esperado. Segundo a



autora, um raciocínio encontrado freqüentemente na pesquisa psicológica na área de lazer apresenta os seguintes dizeres: sabendo o que as pessoas querem, desejam, podemos planejar e organizar os espaços ou as brincadeiras adequadas e satisfatórias. Prossegue indicando que a teoria mais complexa apoiada neste raciocínio foi desenvolvida por Skinner, e é nomeada “contingências de reforço”, onde o fazer é que eleva o comportamento aos resultados de importância. Para Skinner, o lazer apresenta-se como formação de hábitos em contingências que não envolvem consumação.

Seguindo em seu raciocínio, a autora questiona quais as funções que os comportamentos têm numa atuação, e para responder a esta questão, indica que pesquisadores levantam a problemática de comportamento orientado para a meta ou comportamento instrumental. A mais popular tornou-se a proposta de Tolman que trata de comportamento molar; significa que o comportamento constitui uma totalidade orientada e não uma corrente ou um sistema de respostas ou movimentos específicos. E considera interessante introduzir a palavra *atuação*, buscando apoio em Tomaszewski, definindo-a como um processo direcionado para a realização de um resultado estruturado conforme as condições existentes, de tal maneira que a possibilidade de sua realização seja mantida. Prosseguindo, indica que a maioria dos componentes humanos têm caráter de atuação. A atuação considerada até agora primordial foi o trabalho em todas suas formas, por organizar o comportamento de tal maneira que se torna possível elaborar um produto final.

De acordo com a autora, todos os autores que introduzem os conceitos de comportamento molar, concordam que a atuação humana sempre se dirige a um estado final, denominado “resultado”. Sendo justamente pelo resultado que se distinguem as atuações humanas. Pensando desta forma, utiliza-se da classificação das atuações humanas de Tomaszewski, que se orienta por resultados.

O primeiro grupo de atuação é o trabalho que transforma o meio material, os objetivos e materiais, como também o indivíduo. Outro grande grupo de atuações humanas é orientado pelo próprio sujeito, tendo por objetivo alcançar os resultados relativamente estáveis no próprio sujeito que atua. O terceiro grupo são as que modelam diretamente as relações entre o próprio mundo e o sujeito. O último grupo refere-se aos resultados da própria atuação, importantes porque desencadeiam alguma continuidade.

A autora segue apontando que a complexidade de informações que envolvem o estudo do homem numa das suas atuações deslocou o interesse dos pesquisadores mais para os requisitos do lazer do que para a compreensão da sua atuação.

Para as reflexões contidas em seu texto, segundo ela, parece mais interessante a situação referente à atividade da pessoa, sendo classificada pela psicologia como a de vida e de realização. A concepção mais específica para esta situação é a manutenção de um determinado nível de vida ou forma de existir, incluídas entre estas: moradia, alimentação, tempo livre, entre outras.

Na ciência, de acordo com a autora, encontraremos dois principais grupos de compreensão de situação; um compreendendo a situação como uma estrutura dos estímulos responsáveis pelo desencadeamento de comportamento, e o outro, a já mencionada teoria de contingências de Skinner.

Avançando em seu raciocínio, a autora apoia-se em Roykiewicz que relaciona o tempo livre com a saúde psicológica, compreendendo que as funções do tempo livre devem ser ligadas harmoniosamente à atuação que produz descarga e eliminação de cansaço psíquico, devendo assegurar a tranquilidade – principalmente a que elimina as tensões emocionais, a que cria as condições para eliminar as experiências frustrantes e ajuda a transformar as psiconeuroses em mecanismos psicodinâmicos positivos, necessários para o desenvolvimento sadio da pessoa.

Em seguida, apresenta a distinção das funções de tempo livre de Roykiewicz, consideradas básicas por ele para a profilática e desenvolvimento da saúde psicológica. O primeiro grupo de funções é psicorecreativa, referente à satisfação das necessidades humanas básicas e que abrange a recreação psicofísica. O conceito de recreação significa aqui a recuperação da força, descanso depois do cansaço etc. Compreendendo a função de descanso no tempo livre como atuação e não descanso passivo.

O segundo são as psicocompensatórias, compreendendo o preenchimento das faltas sentidas e resultante da não realização das necessidades e, sua realização consiste ou inconsistente regulada através das atuações desenvolvidas exclusiva ou parcialmente na situação de lazer. O terceiro grupo são psicocorretivas, compreendendo uma atuação psicológica que ajuda a eliminar ou diminuir a intensidade ou a frequência dos comportamentos indesejáveis socialmente, através de situações corretivas. Este método abrange psicoterapias leves, trabalhos de reabilitação, reeducação, etc. O último grupo de funções são psicocriativas, compreendendo todo tipo de atuação orientada diretamente para a formação e auto-educação da personalidade em constante evolução através da busca de novos e cada vez mais altos valores morais, intelectuais e emocionais – principalmente através da busca de criatividade ativa de caráter social.

As funções psicocriativas são ligadas a dois tipos de criatividade. Um refere-se à formação de valores externos relacionados com a expressão da personalidade. E o outro refere-se à formação de valores internos relacionados com os processos de autorealização e auto-aperfeiçoamento.

No futuro, diz a autora, gostaria de apontar a necessidade de refletir mais sobre o tempo livre pelo prisma de uma definição funcional, não no sentido de livre escolha, mais no sentido de aspectos subjetivos de atuação no lazer envolvidos pelas condições objetivas de sua realização.

### **ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE RECREAÇÃO E LAZER**

O quinto capítulo desta obra, desenvolvido pelo Prof. Ms. Sergio Stucchi, aponta para os diversos significados do espaço e para as relações entre as pessoas e o equipamento contido neste espaço. Constrói seu raciocínio apoiado em autores como Lefebvre, Hall, Saldanha, Camargo, Dumazedier, Santini, Parker e Gonçalves Jr.

Em primeiro lugar, o autor faz algumas considerações acerca do espaço, dizendo que o espaço, culturalmente, é concebido para que as pessoas apresentem comportamentos de acordo com momentos produtivos, dependendo da condição física, mental e social, para que possam aprender a raciocinar o espaço, relacionarem-se e movimentarem-se, para uma linha de produção dentro de um sistema.

Demonstra que devemos nos preocupar com uma dimensão de tempo que está muito presente nas tarefas do cotidiano e que consome boa parcela de tempo considerado ocupado, que segundo Lefebvre, é um “tempo imposto” das exigências diversas fora do trabalho, que nos obrigam a passar um bom período de tempo nelas para que possamos sobreviver diante das exigências burocráticas, como por exemplo: filas de banco, salas de espera, congestionamento, entre outros. Para este autor, este tempo está aumentando numa proporção bem maior que a do tempo livre para o lazer.

Prosseguindo em seu raciocínio, o autor lembra de Marcellino, que indica que para democratizar o espaço é preciso democratizar o lazer. Assim, todos os lugares com os quais nos relacionamos podem ser considerados equipamentos por excelência.

Caminhando neste sentido, apoia-se em Hall: a fim de compreender o homem, precisamos saber algo da natureza de seus sistemas receptores, e como as informações recebidas através destes receptores são modificadas pela cultura. São estes mecanismos que servem de canais de entrada e de saída das emoções corporais nos espaços em que o homem se situa, reagindo favoravelmente ou não aos estímulos.

Como aponta o autor, o espaço da escola tenta determinar comportamentos que se traduzem em capacitar os indivíduos a atender um mercado de mão-de-obra a ser utilizada pelo sistema. Procura exercer um controle sobre seus alunos para que estes se encaixem nos moldes dos padrões considerados normais de comportamento. Devendo considerar sua relação com uma clientela particular dos diferentes setores da economia atual, contemplando três dimensões distintas (agrícola, industrial e de serviços) de uma mão-de-obra que vive sob diferentes ritmos de pausa e produção.

O espaço do trabalho, segundo o autor, é a mais intrincada de todas as dimensões, destacando que o desenvolvimento tecnológico tem permitido uma reorganização na utilização dos elementos sujeito/trabalho, produzindo uma alteração na relação tempo/livre e tempo/ocupado.

Considera que o espaço da moradia, é a dimensão mais importante entre todas. Destacando a existência de uma grande diferença entre o espaço público e o privado. Pensando com Saldanha, que faz uma analogia interessante entre estas duas dimensões, temos que considerar que “o viver social consiste e subsiste em várias dimensões, e uma delas ocorre nas casas: as sociedades, ao emergir para um certo nível histórico são cidades, e as cidades constam de casa, colocadas em ruas. E como as ruas – como as praças – são já outras dimensões, a pública, eis que o plano público e privado se tocam, se contemplam, se complementam.”

Avançando em seu raciocínio, analisa os espaços que servem de motivo para que as pessoas se aproximem umas das outras, em torno de determinados objetivos com interesses predominantes dentro de um contexto sociocultural, porém voltado apenas para o tempo de não-trabalho. O autor considera os pontos de vista de Dumazedier e Camargo, relativos à forma de entendermos a utilização do espaço e tempo. O fato de ocupar alguns espaços significa a necessidade de estar subordinado a alguns conteúdos culturais que são chamados “interesses sociais, físicos, intelectuais, morais, artísticos”, podendo-se acrescentar um sexto interesse, denominado “conteúdo cultural turístico”.

As crianças são levadas aos ambientes para que sejam educadas. As ações procuram condicionar determinados comportamentos e, de uma forma ou de outra, orientam para a maneira como se utilizam certos lugares e equipamentos. Entre estes cita: *playground*, festinhas de aniversário, passeios no parque, clubes associativos, etc.

De posse destes elementos, sinaliza que podemos entender a relação entre lugares, espaços e

equipamentos pensados, projetados e oferecidos como uma fusão de 3 elementos importantes no contexto sociocultural: espaço/tempo/consciência, podendo significar um avanço quanto aos interesses da sociedade dentro do processo educacional. “Valorizar e estimular o lazer (...) significa buscar um alto grau de cidadania que naturalmente passa por um período de maturação para permitir a percepção dos três diferentes complementos do aproveitamento dos momentos de lazer nos equipamentos que são: o desenvolvimento, o descanso e o divertimento.”

Stucchi, classifica os equipamentos em específicos e não-específicos e indica que a maneira como são utilizados os equipamentos hoje, é determinada mais pelo sistema de informações (meios de comunicação de massa) do que propriamente pelos meios formais de educação, naturalmente variando de acordo com cada faixa etária e com a cultura corporal dos sujeitos.

### **QUALIDADE NO GERENCIAMENTO DO LAZER**

O sexto capítulo desta obra, desenvolvido pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Bramante, aponta para a importância de administrar o lazer, mas para tanto, é preciso delimitar bem o lazer em termos conceituais. Constrói seu raciocínio baseado em autores como Dumazedier, Chiavenato, Kwasnika, Camargo, Marcellino, entre outros.

Inicialmente o autor apoia-se em Dumazedier, indicando que uma das formas de interpretar o lazer é contrapô-lo ao trabalho, traçando uma trajetória histórica de ambos, a partir da Revolução Industrial. Nesta perspectiva, destacam-se pelo menos três etapas: a mecanização (século XVIII e XIX), a automatização (século XIX e XX) e a informatização (segunda metade do século XX). Observando-se em cada uma delas o crescente aumento do tempo de não-trabalho e seu uso diversificado.

Caminhando em seu raciocínio, aponta que a transformação da sociedade industrial em uma sociedade predominante de serviços, tem afetado de maneira significativa a concepção de lazer. Particularmente após a década de 70, o conceito de lazer tem gravitado em torno de três eixos básicos: do tempo de não-trabalho, do espaço de sua vivência e da atitude do indivíduo. Portanto, o lazer se consubstancia na experiência lúdica resultante destes três eixos.

O autor faz uma rápida retrospectiva histórica demonstrando algumas teorias sobre administração e seus respectivos autores, passando por Taylor, Fayol, Weber, Mayo, Bertalanffy, apontando para a importância significativa de seus estudos para o atual, a atual concepção de administração. Após essa rápida revisão, o

autor destaca quatro características que determinam a vida de uma organização: planejamento, organização, direção e controle.

Prosseguindo, indica que toda ação administrativa envolve recursos das mais variadas naturezas, uma configuração típica que ocorre dentro do lazer, envolve pelo menos quatro tipo de recursos: físicos, humanos, materiais e financeiros. Com base nas indicações acima, o autor afirma que administrar é planejar, organizar, dirigir e controlar os recursos físicos, humanos, materiais e financeiros, visando atingir metas e objetivos previamente eleitos.

Avançando em seu raciocínio, aponta que o ato de planejar em recreação e lazer, como em qualquer outra área de prestação de serviços, deve considerar as três dimensões do tempo:

- Passado: conhecer todas as informações existentes;
- Presente: diagnosticar a realidade;
- Futuro: projetar tendências.

Já se tornou comum no campo do lazer/recreação dedicar significativa parcela de energia e recursos para o *fazer*. E este descompasso interfere diretamente na experiência de lazer das pessoas, repercutindo de forma negativa. Para o autor, a formulação de políticas de lazer, seja no setor público ou privado, por via de regra, tem configurado um cardápio de atividades recreativas totalmente desconectados entre si e em relação a uma macropolítica que determine as metas e objetivos de dada instituição.

Em sua concepção, um dos pontos iniciais na formulação de uma política de lazer é a elaboração do diagnóstico de necessidades. O primeiro passo deste diagnóstico é a contextualização, isto é, considerar os indicadores do macroambiente que pode interferir na elaboração de uma política de lazer. O segundo passo é a identificação dos hábitos, atitudes e motivações que levam uma pessoa a participar de uma experiência de lazer. O terceiro passo é o mapeamento de recursos físicos, humanos, equipamentos, materiais e financeiros, devendo-se levar em conta na elaboração de projetos no campo do lazer três perguntas básicas: Por que fazer? O que fazer? Como fazer?

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fica explícito na construção deste referencial é que, apesar das várias possibilidades de discussão encontradas nesta obra, e dos estudos sobre o tema no Brasil terem aumentado significativamente, parece que o lazer tem sido visto mais como um mecanismo de “ajuste” às exigências da vida social, objetivando atender às necessidades de produção. Nesta direção, destacam-se: as formas pelas quais os homens

viveram seus múltiplos tempos, a influência do processo de industrialização, além de inúmeros outros fatores mencionados neste trabalho.

Buscou-se, no entanto, apresentar possíveis formas de interpretar o lazer, não objetivando encerrar a discussão, e sim, deixar muitas questões a serem levantadas.

Concretamente, pretendeu-se com esta resenha despertar múltiplos olhares sobre estes temas e sobre a complexidade de suas relações, tão presentes na sociedade contemporânea.

**REFERÊNCIA**

BRUHNS, H. T. (Org.) *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.



**Gonçalo Cassins Moreira do Carmo**

Aluno do Curso de Especialização em Políticas Públicas para o Lazer e Esporte da UEPG.

**Referência do artigo**

**ABNT**

CARMO, M. C. G. Introdução aos estudos do lazer. *Conexões*, v. 1, n. 2, p. 160-176.

**APA**

Carmo, M. C. (1999). Introdução aos estudos do lazer. *Conexões*, 1999; 1(2), 160-176.

**VANCOUVER**

Carmo MC, Introdução aos estudos do lazer. *Conexões*, 1999; 1(2): 160-176.